

Fanzine
nº4



Rede de Bibliotecas de Lisboa (BLX)
Biblioteca de Alcântara — José Dias Coelho

As portas que a Biblioteca abriu e um abraço ao futuro

2

A equipa da Biblioteca de Alcântara - José Dias Coelho

Quisemos que em 2024 saíssem à rua 'canções de esperança'.

Que a biblioteca continuasse a abrir *as portas que Abril abriu*¹, nesta mesma rua onde, em 1961, foi *a morte que saiu à rua*² quando a PIDE assassinou José Dias Coelho.

E em 2024 não é só a rua que tem o seu nome.

No ano que festejamos os 50 anos do 25 de Abril, a Biblioteca de Alcântara é também a Biblioteca de Alcântara - José Dias Coelho. E sê-lo representa uma homenagem a todos os resistentes antifascistas, a todos os que lutando morreram, a todos os que lutaram e continuam a lutar por um país mais justo, mais fraterno, onde possamos viver a *liberdade a sério*³.

Quisemos que em 2024, Abril se tornasse verbo, semente de futuro, para sempre esse *'dia inaugural, inteiro e limpo'*⁴ que rasga horizontes, que abre portas, que reinventa utopias.

Esta páginas testemunham parte do trabalho de um coletivo que se vem formando há 4 anos e que soube sempre 'trazer um amigo', que ousou navegar e experimentar e errar, uma e outra vez. A equipa das BLX, a equipa da Biblioteca de Alcântara - José Dias Coelho, todas as entidades e pessoas que conosco trabalham e fazem parceria, leitores e leitoras, amigos, amigas.

Em 2025, queremos continuar a abrir as portas à(s) leitura(s), à imaginação, à ciência, ao sonho, à criatividade, ao espanto.

E abraçando o futuro, seguimos dizendo *'P'ra frente coração! Que saiam à rua canções de esperança'*.

1. Do título do poema *As portas que Abril abriu* de José Carlos Ary dos Santos
2. Da canção *A morte saiu à rua*, de José Afonso
3. Da canção *Liberdade*, de Sérgio Godinho
4. Do poema *25 de Abril*, de Sophia de Mello Breyner Andresen

Ficha técnica:

OUT 2024 — Design: Luís Gregório — Impressão: Desisto — Tiragem: 500 exemplares

— Edição: Câmara Municipal de Lisboa, Pelouro da Cultura, Direção Municipal de Cultura, Divisão da Rede de Bibliotecas

— Depósito legal: 505098/22

Alguns dos textos são escritos segundo o antigo Acordo Ortográfico, por opção expressa dos autores.

A Biblioteca de Alcântara - José Dias Coelho em números

DE JUNHO DE 2023 A JULHO DE 2024

Atividades

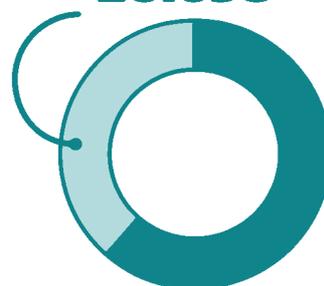
1.277

Participantes

24.631

Empréstimos

20.638



Total de empréstimos

53.532

5 DE OUTUBRO DE 2020 - JULHO DE 2024

Novos leitores

492



Total de leitores

2.185

Total
de documentos

20.277

Residências

14



Há um espaço onde a liberdade é casa. A Biblioteca de Alcântara. Talvez porque aquele edifício tenha sido teimosamente recuperado e aberto num momento em que estávamos todos em casa, num ato de resiliência e envolvimento cívico, por causa da Covid-19. Mas também – e disso não tenho a menor dúvida – por causa das pessoas que 24 horas por dia, desde esse “dia inicial inteiro e limpo”, constroem com os seus passos e sorrisos este lugar familiar de acolhimento. **Liberdade é acolhimento.** E eu sinto-me acolhido nesta casa, que fiz minha porque só assim faz sentido. **Liberdade é pertença.** Se calhar até é melhor dizer de outra forma: ... desta casa que fizeram minha. Sim, porque esta sensação é muito mais uma cultura do que uma conquista. É mesmo isso: entrar na Biblioteca de Alcântara é arriscar ficar com mais uma casa.

Todas as semanas, seja com crianças, seja com adultos, levamos a música à nossa casa da liberdade. A música dos outros, que tentamos fazer nossa e presente; e a música que temos dentro de nós para voar e inventar. Transformamo-nos em terra fértil a cada momento deste encontro. Terra de procurar o outro. **Liberdade é procura.** Terra de construir o impossível. **Liberdade é construção.** Terra de semear a saudade. **Liberdade é sementeira.**

Na Biblioteca de Alcântara encontrei igualmente o espaço mais íntimo para ser espelho. Espelho de poder cantar sobre o amor, a amizade, a vida... a liberdade! Espelho de poder trazer à tona todo o meu coração de pessoa que ama e que é livre. De pessoa que segura na mão a certeza de que nada se faz sozinho e que temos de nos estar para combater os esquecimentos... – E tão fáceis que são os esquecimentos hoje em dia... **Liberdade é não esquecer.**

Além de tudo, a Biblioteca de Alcântara é linda. **A liberdade é linda.** Majestosamente colocada sobre uma rua de lembrar – a rua José Dias Coelho –, como que para dizer sempre que liberdade é lembrar, o seu edifício é um convite. Parece um sorriso a dizer “Entrem!”. O jardim, como um leito onde sabe bem deitar para conversar. As janelas, como olhos atentos que pintam vontades. As salas, como pele de aconchegar e estar. Foram seguramente mãos bonitas que fizeram isto tudo! Foram seguramente olhos bonitos que fizeram isto tudo!

É bom estar na Biblioteca de Alcântara. Estamos da mesma forma sozinhos, como acompanhados. Sozinhos, porque ser livre é sabermos que cada um pode estar como quer, desde que isso seja bom para todos. Ou, ao invés, porque ser livre é também sabermos que cada um pode estar com os outros, desde que isso seja bom para si. **Liberdade é sabermos-nos.**

A Biblioteca de Alcântara é poema feito casa. Poema que se pinta a cada nova passagem. Poema que nos surpreende a cada novo silêncio ou descoberta. Poema que se assume no gostar de aqui estar.

Eu gosto de estar aqui.

Às terças-feiras, quando recebo um grupo de adultos com sede de cantar e a certeza de que se munem de uma mais valia em tudo o que fazem. O Coro Comunitário da Biblioteca de Alcântara é um espaço de participação e de compromisso. **Liberdade é participação e é compromisso.**

Aos sábados de manhã, quando no SubCoro da Biblioteca de Alcântara aceitamos cada criança com o que traz e nos fazemos fonte para a sua inegável capacidade de inventar e de ser livre. Ou quando nos permitimos não querer cantar e apenas estar. As crianças – e eu – sabemos que aquele lugar encerra em si todas as possibilidades do mundo, como se fosse um céu onde nós todos, quais aves livres, passeiam,

procuram, encontram, vão...! **Liberdade é ser céu.**

E depois, claro, quando a fome se faz convite. Nos vários recitais que já fiz aqui, sempre novos e plenos de cumplicidade com todos: técnicos, parceiros de palco e público. Em cada um soaram sempre as mais aconchegantes canções e poemas de nos dizer e de nós lembrar e de nós provocar e de nos questionar e de nos chamar e de nós acariciar... Em cada um deixei o meu corpo num abraço tão grande como os tetos daquelas salas deslumbrantes e postas ao serviço de todos. Em cada um deixei a chave do meu coração, que ali também pertence.

Biblioteca de Alcântara. Basta esta expressão para conter tudo o resto.

Pedro Branco - Cusca: Cultura & Comunidade

A casa que se faz minha



©João Barata | CML



©João Barata | CML

A INTELIGÊNCIA COLETIVA NO TEMPO DA INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL

João Gabriel Ribeiro — Diretor da Shifter

A Inteligência Artificial é um tema incontornável hoje em dia. Apesar da conversa que tem surgido em torno do assunto, as dúvidas multiplicam-se e as certezas são poucas. A tecnologia impressiona e a complexidade técnica afasta do debate quem não está preparado para distinguir o real do imaginário. O resultado é uma confusão generalizada que, nuns casos, alimenta uma crença desmedida nas capacidades da tecnologia e, noutros, uma ansiedade difícil de digerir. Mesmo que aparentemente tenhamos toda a informação a distância de um clique.

“A grande diferença entre as redes sociais e uma biblioteca é que as redes sociais tendem a transformar todo o conhecimento vertical em conhecimento paralelo — parece que podemos ir buscar um bocadinho a cada lado e formar uma ideia, mas isso não é verdade.” — dizia a cientista Joana G. Sá, numa entrevista recente ao Shifter. Apesar de tudo parecer simples e acessível, cada vez é mais difícil compreender realmente aquilo que nos rodeia. E a Inteligência Artificial é um dos melhores exemplos deste fenómeno.

Com o surgimento destas tecnologias e as suas capacidades generativas, é possível que entre as centenas de artigos que se fizeram sobre o que poderia ser substituído ou ter os dias contatos, alguém tenha listado as bibliotecas. Contudo, momentos como o Ciclo de Conversas sobre Inteligência Artificial mostram o papel central que estas podem ter, enquanto espaços vivos de encontro, partilha e construção de conhecimento, inclusivos e plurais. Um lugar comum onde, mais do que furar bolhas, se criam oportunidades de saudável contágio, onde podemos partilhar ideias, planos, desejos e ansiedades. Para além de serem essenciais à preservação da memória do passado, as bibliotecas têm um papel fundamental na democratização do presente — aproximando do debate aqueles que o aparato tecnológico teima em afastar.



©João Barata | CML



©João Barata | CML

BIBLIOTECA DE ABRIL - SOUVENIR

Marta Hugon - Escritora

Há uma vida nas bibliotecas de Lisboa que acompanha a minha desde que me conheço. Cresci no Bairro das Estacas, em Alvalade, numa casa cheia de livros que nem sempre chegavam para alimentar a leitora voraz em que me tornei aos nove anos, por conta de uma hepatite. Confinada a dias intermináveis deitada numa cama, as visitas começaram a trazer-me livros. Ao longo daqueles três meses, a pilha foi crescendo e a velocidade a que os lia, também. Curei-me da hepatite, mas viciiei-me na leitura e foi assim que comecei a viajar. Passado pouco tempo descobri que mesmo ao lado de casa havia uma biblioteca. Era luminosa e, se a visitasse a meio da tarde, podia instalar-me num silêncio benfazejo e empanturrar-me com todos os livros que quisesse, sem noção do tempo passar. Guardo desses dias uma saudade imensa, que quase me impede de visitar o bairro por ser irrecuperável aquele tempo de liberdade absoluta, tão indestrinchável da infância. Ao tornar-me escritora redescobri o caminho para a biblioteca num novo bairro. Em Alcântara encontrei um espaço habitado por pessoas que amam os livros, com um jardim para onde fluem em liberdade os passos e as palavras, o mesmo silêncio bom de antigamente, embora as salas estejam povoadas e se percebe que quem nos recebe o faz com uma entrega boa a esta vida que só as bibliotecas trazem aos bairros da cidade. Aqui apresentei o meu Souvenir, um livro de contos onde o fio da memória nos conduz através de histórias em que objectos, lugares e canções podem, de repente, acordar recordações perdidas. Pude assim fechar um ciclo de criação e liberdade, fazendo as pazes com a infância e com este lugar que os meus filhos se habituaram a visitar todos os dias.

É como sentir a renovação da própria arte pulsar em cada encontro. Estar aqui novamente, não apenas agrega à minha vida, mas também renova meu espírito artístico.”
(Nicolle Sá)*

O QUE FAZ FALTA É AVISAR A MALTA

Luca Argel - Músico

Um espaço democrático, aberto a quem se permitir **errar sem julgamentos.**
(David Silva)*

O que é uma canção de intervenção? Do que ela é capaz? Quais os géneros musicais onde ela se faz mais presente? Qual o perfil do seu público? Como se relaciona com a indústria da música? A velocidade de produção e de descarte do mundo digital favorece-a ou prejudica-a? Quais as suas principais reivindicações em Portugal, hoje?

Estas, e muitas outras, foram perguntas que nos fizemos há uns dias na Biblioteca de Alcântara. Não sei se chegámos efetivamente a respostas para elas. Provavelmente não. Mas nisto também estivemos afinados com o que é a natureza mais fundamental da arte de intervenção: questionar. Com liberdade e consciência de que as boas perguntas valem mais do que as respostas instantâneas. E que a dúvida é sempre mais fértil do que as certezas absolutas.

No fim de contas, o que interessa são as reflexões que fazemos juntos. É abrir caminho ao diálogo e à partilha. De dúvidas, de inquietações, de canções. Se as palavras saem de nós e chegam aos ouvidos de outra pessoa, isto já é intervenção.



©DR

AS RELAÇÕES ENTRE OS MILITARES E O PODER POLÍTICO NO SÉCULO XX PORTUGUÊS

Luís Nuno Rodrigues, Centro de Estudos Internacionais, ISCTE

O ciclo de conferências “Os Militares e a Política” respondeu a um desafio que me foi lançado pela Biblioteca de Alcântara para pensar e refletir sobre as relações entre o poder político e os militares, um tema fundamental na História de Portugal do século XX, não apenas no Estado Novo, mas também no período da I República e, depois, claro, na transição para a democracia e no regime democrático. Os militares desempenharam um papel fundamental em todos esses três regimes, sendo decisivos na sua implementação e também no seu derrube, no caso particular da I República e da ditadura do Estado Novo. O próprio contexto internacional do século XX com dois conflitos mundiais e depois com a Guerra Fria contribuiu também para uma “militarização” generalizada da vida política internacional, colocando as forças armadas no primeiro plano da vida política em muitos países e regiões.

Os quatro oradores convidados debruçaram-se sobre períodos e sobre temas diferentes, que foram desde a participação de Portugal na I Guerra Mundial, na conferência de Sílvia Correia, ao papel dos militares no 25 de abril e no período imediatamente subsequente, com a intervenção de David Castaño, e passando também pela importância da participação de Portugal na NATO, com Daniel Marcos ou

pelos efeitos das guerras coloniais nos soldados e nas suas famílias, com a conferência inaugural de Joana Pontes. No ano em que se comemoram os 50 anos do 25 de abril e tendo os militares desempenhado papel fundamental na transição para a democracia em Portugal, fez todo o sentido a organização de um ciclo de conferências que refletisse não apenas sobre esse momento, mas sobre o papel decisivo e multifacetado desempenhado pelos militares na nossa história recente.



©João Barata | CIML

DIÁLOGOS IBÉRICOS, APONTAMENTOS DESDE ESPANHA PARA UM MÊS DE ABRIL.

Isabel Montero Garrido — Escritora

Nós, seres humanos, graças à linguagem, somos capazes de articular um diálogo para falar das nossas vivências e emoções. Podemos fazê-lo também connosco próprios, de tal forma que Platão chegou a definir a filosofia como “um diálogo silencioso da alma consigo mesma”. Eu diria que sobretudo com o outro. Este é o ponto de partida do artista e fá-lo através de várias disciplinas. Foi esse o espírito com que entabulámos este diálogo com/na Biblioteca de Alcântara. “Diálogos Ibéricos” é o que nos define, uma forma de dizer, uma forma de nos encontrarmos uns com os outros e de nos mostrarmos, com o sentido de transcendência que nós, os seres humanos, temos. Fomos para além do diálogo a partir da Península Ibérica, procurando uma forma de universalidade

e contamos com a participação da artista plástica japonesa Megumi Karasawa. Para nós, a partir da poesia, da música, da linguagem cinematográfica, foi uma experiência de fraternidade e crescimento entre os povos, um caminho para uma experiência de singularidade e totalidade do ser humano, a partir da expressão de ideias, dentro de um humanismo em que todas as linguagens e formas de expressão têm o seu espaço e que procura a paz e a harmonia dos povos. A arte falou em Lisboa e fê-lo de mil formas. Os grandes temas universais estiveram presentes: o amor, a guerra, a vida, a morte... Sentimos a falta do nosso amigo Antonio Mata Huete, recentemente falecido e que com o seu romance “Claveles rotos” devia ter estado presente. Esteve a sua alma. E nós prestámos homenagem à sua pessoa e à sua obra.

A receção de Ana, coordenadora da Biblioteca, e de José Brito, curador deste encontro foi maravilhosa. Recordamos com carinho e saudade António Delgado, Megumi Karasawa, Feliciano de Mira, José Paulo de Sousa, Luís Maçarico e Pedro Branco e essa maravilhosa Biblioteca de Alcântara.

De Espanha, Jesús Romero Guillén, Tomás Verdugo, Carlos Barbachano, Rosa Vidal Vicen, Isabel Montero Garrido e à alma de Antonio Mata Huete que descanse em paz.

Aguardamos com expectativa o nosso próximo encontro nessa bela cidade que é Lisboa. Agradecemos-vos e aos “Cravos de Abril” a liberdade e a esperança de paz e união dos povos.



©João Barata | CML



©João Barata | CML

“

O coletivo mostrou-me que a inexperiência não tem as portas fechadas. Todos aprendemos a partir do zero. É onde não existe o erro mas sim o aprendizado. É um lugar seguro, é a liberdade de ser o que eu quiser.”
(Andréia Neves)*

“AR.CO - LIVROS & EDIÇÕES 2023 /2024”

Ar.Co

No âmbito de uma parceria com o Ar.Co-Centro de Arte e Comunicação Visual, a Biblioteca de Alcântara apresentou em Junho/Julho a exposição “Livros & edições 23/24”, uma seleção de trabalhos realizados em vários departamentos da escola: Ilustração/BD, Desenho e Pintura, Cerâmica e Fotografia. Alunos em diferentes níveis de aprendizagem exploraram o mundo editorial, criando maquetes e pequenas edições de livros, fanzines e cartazes, com recurso a processos de reprodução digitais e manuais, tais como a serigrafia, o linóleo, a monotipia, a ponta-seca e a impressão a laser.

Nos espaços expositivos da Biblioteca – equipamento público exemplarmente dotado para cumprir a sua função de promoção da educação e da cultura, com igual oportunidade, aos mais diversos públicos – mostraram-se técnicas, orientações disciplinares e imaginários muito diferentes, cumprindo também a regra de ouro da política pedagógica do Ar.Co, que entende a formação artística como abrangendo em simultâneo as funções de complemento lúdico ou processo terapêutico, iniciação técnica ou especialização artística com fins profissionalizantes, de modo a responder à variedade de formações prévias, objetivos pessoais e grupos etários dos participantes.

O papel crucial das bibliotecas públicas na divulgação de práticas criativas e na construção de comunidades democráticas foi integralmente cumprido, de acordo com o tema de Abril: Portas Abertas.



©João Barata | CML

©João Barata | CML

11 LIVROS PARA 11 ARTISTAS

Ana Neto, Contraprova - Atelier de Gravura

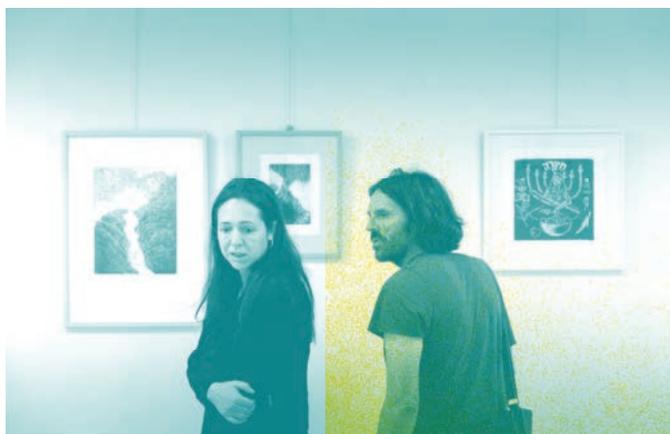
A partir de um convite da Biblioteca de Alcântara, os artistas gravadores da associação Contraprova elegeram um livro que, das mais variadas formas, se associa ao seu trabalho gravado. Deste exercício resultou a exposição de gravuras e livros, que entre 9 de maio e 14 de junho estiveram presentes no espaço expositivo, tornando-se objectos artísticos recriados, de forma a que o olhar sobre um e outro permitisse ao observador imaginar a memória que os une.

Para a casa-mãe dos livros que é uma biblioteca, Alexandre Jorge, Ana Neto, Daniela Crespi, Joanna Latka, Luís Fernandes, Marcela Manso, Margot Kick, Marija Toskovic, Ricardo Campos, Sofia Morais e Susana Romão trazem do seu percurso artístico gravuras resultantes de diferentes técnicas, com diferentes formatos e registos.

A relação entre livro e gravura é então objeto de diferentes entendimentos, que João Concha desenha no catálogo da exposição: cada artista reconhece nessas palavras (no título, numa página, num brevíssimo poema ou mesmo numa ilustração...) os sinais que escolhe ler e transportar para a sua criação visual, para a sua intransmissível 'tradução' em gravuras.

Acrescenta a imensa liberdade que é poder imaginar o caminho entre o que evoca cada artista da sua memória e o que o conduz às suas linhas, às suas manchas, às composições que vão surgindo nas suas matrizes, depois impressas em papel.

Liberdade, aliás, que move o trabalho deste colectivo que desde 2008 surgiu em Lisboa precisamente com o mote de tornar a prática da gravura acessível, e que desde então se tem dedicado à produção, divulgação e ensino da Gravura Contemporânea.



© João Barata | CML



© João Barata | CML



Fotografia: Sérgio Alves – Performer: Dans La Lumière – Designer: Gabriela Daros

POR UMA MODA EM LIVRE MOVIMENTO

Alexandra Cabral e Hugo Queirós - Via Criativa

Em 2024, nas comemorações dos 50 anos do 25 de Abril, SEMPRE FUTURO foi o tema da nova edição da PONTE - Encontro Internacional de Moda e Performance. A expressão do artista Almada Negreiros surge num verso de “Rosa dos Ventos”, em alusão a si e à sua obra. Este ano, o evento celebrou moda e performance artística, nos seus vetores, processos e cruzamentos disciplinares, visando destacar uma nova liberdade alicerçada em linhas de resistência que promovam mais democracia, educação e sustentabilidade. Esta edição focou a herança cultural deixada pelos têxteis, pela moda e pela forma como a reinterpretemos, incorporamos e registamos, em suportes plásticos e visuais, numa perspetiva de futuro.

Com a Liberdade em pano de fundo, a PONTE decorreu nos dias 5, 6 e 7 de julho na Biblioteca de Alcântara e foi composta por uma exposição, um colóquio e uma garden party, a recriação contemporânea das famosas festas organizadas pelo Conde Burnay no início do século XX. Esta festa ao ar livre incluiu um desfile com jovens designers nacionais e convidados estrangeiros, venda pop up, sessão fotográfica, performance e projecção de filmes e imagens. O encontro foi organizado pela Associação Via Criativa - Design para o Desenvolvimento Local, Centro Universitário de Belas Artes de São Paulo e Rede de Bibliotecas / Câmara Municipal de Lisboa.



Uma oportunidade de estar em contacto com uma arte que é muito importante para mim, rodeada de pessoas que partilham esse amor comigo. (Isa Viegas)†

EM CADA ESQUINA 8 UM AMIGO

Pelo Coletivo de Teatro da Biblioteca de Alcântara
— Direção artística: David Silva

Leituras encenadas para comemorar os 50 anos do 25 de Abril de 1974, as utopias que o foram e se tornaram realidades e as outras que alimentam a esperança num mundo mais justo e mais fraterno, como canta a Grândola, vila morena: em cada esquina um amigo, em cada rosto igualdade.

PARA A FRENTE CORÇÃO... QUE SAIAM A RUA CANÇÕES DE ESPERANÇA

Lurdes Caria

— Profª Bibliotecária - Agrupamento de Escolas Francisco Arruda

A Biblioteca Escolar do Agrupamento de Escolas Francisco de Arruda aceitou com muito gosto o convite para participar na exposição “Para a frente coração... que saiam à rua canções de esperança”, alusiva ao cinquentenário do 25 de Abril, promovida pela Biblioteca de Alcântara.

Deste modo os alunos contribuíram para relembrar e celebrar o significado histórico da Revolução dos Cravos, promover a reflexão sobre valores de liberdade, democracia e direitos humanos bem como incentivar outros colegas na construção de uma sociedade mais justa e livre.

A exposição foi constituída por cartazes coletivos e individuais, figuras tridimensionais bem como um pequeno filme de animação. De assinalar que os alunos levaram as suas famílias a visitar a exposição que esteve patente ao público durante o mês de Abril.

Acreditamos que estes convites enriquecem a nossa comunidade educativa.



©João Barata | CML

©João Barata | CML

O FESTIVAL INSHADOW E A BIBLIOTECA DE ALCÂNTARA

Inês Baptista — Vo'arte

A parceria entre a VOARTE e a Biblioteca de Alcântara iniciou-se em 2020, quando a Biblioteca acolheu no seu espaço a programação do Festival InShadow. Desde então, tem sido um local importante no circuito da programação anual do InShadow, conhecido por ser uma referência na criação contemporânea transdisciplinar, destacando a união entre imagem, corpo e tecnologia.

O apoio da Biblioteca de Alcântara tem sido imprescindível para a VOARTE, facilitando encontros com parceiros internacionais e com a CiM - Companhia de Dança, e impulsionando o desenvolvimento e a expansão das iniciativas culturais promovidas pela VOARTE.

LISBOA INDIE FILM FESTIVAL NA BIBLIOTECA DE ALCÂNTARA

Calo Augusto Braga — LISBIFF

O LISBIFF • Lisboa Indie Film Festival surge como uma vitrine única do cinema independente, tornando-se um dos principais pontos de interesse dentro da prestigiada rede IBERIFF • Iberia Indie Film Festivals. Esta plataforma, nascida em Madrid em março de 2019, promove talentos emergentes e amplia o espaço para o cinema independente na Europa. Nos últimos cinco anos, o IBERIFF acolheu mais de 1100 obras internacionais independentes em 147 eventos de exibição em seis cidades de Espanha, Portugal e França. Estes encontros transcenderam simples exibições, servindo como ricos fóruns para a interação com cineastas promissores, cada um revelando os seus estilos, métodos e perspetivas únicos.

Através destes encontros, o LISBIFF tem cultivado uma comunidade vibrante de produtores independentes e cinéfilos, reunindo-se regularmente para oportunidades inestimáveis de networking entre profissionais do nicho, com troca cultural e técnica com o público presente e, acima de tudo, com o intuito de celebrar a expressão artística independente.

Descrever as possibilidades de um festival de cinema independente é como descrever o cinema português desde o libertador e inspirador 25 de Abril de 1974. Portugal quebrou os seus grilhões, transformou-se, e novos artistas e novas visões floresceram, celebrando a liberdade artística, sem perseguição e sem censura.

Obrigado à Biblioteca de Alcântara e a toda a sua equipa por fazer deste pedacinho de Lisboa nosso espaço de conhecimento, reflexão, comunhão, troca e aprendizagem, na nossa revolução artística diária e sem fim.

“É um mergulho num mar sem fim à vista. Mesmo sem sabores onde está a primeira bóia, avanças confiante, porque sabes que tens e terás sempre o apolo seguro, na hora certa, para te fazer crescer.” (Teresa Sacadura)*



© VOARTE

LIMA BIG BAND DE CANÇÕES DE ESPERANÇA

Antonieta Lima Ferreira
— Diretora Pedagógica
da Escola Profissional da Metropolitana



De janeiro a Abril, deste Abril de 2024, os alunos da Escola Profissional da Metropolitana (EPM) várias vezes terminaram os seus já habituais longos dias na Biblioteca de Alcântara. Foram em grupos de música de câmara, levavam partituras de músicas de Zeca Afonso, com arranjos de Lino Guerreiro, professor e compositor, e em cada uma das salas da Biblioteca cruzaram-se com atores e atrizes com quem partilharam palcos inesperados.

Desafiados pela Junta de Freguesia de Alcântara, integrámos os 50 eventos destes 50 anos, e muitas vezes nos surpreendemos com o poder de juntar a palavra falada à música nesta celebração. Muitas foram as tardes em que ficou claro que havia descobertas – como respiram os atores e os músicos, quais são os seus tempos, como se ensaia com outros que não os habituais, como é importante o efeito cénico, o olhar, o gesto, a marcação, a luz.

E assim fomos redescobrimo Abril, celebrando e aprendendo, como se fosse a primeira vez. Para alguns terá sido a primeira vez.

E num final de tarde, já na primavera, olhámos para o jardim, a partir da varanda da Biblioteca, e sorrimos com a possibilidade daquele espaço fantástico nos juntar uma vez mais – a EPM tinha recriado, há uns meses, a sua Metropolitana Big Band e o projeto, que junta cerca de 30 alunos e professores, sob a direção, uma vez mais, de Lino Guerreiro, é uma celebração da diversidade. Para os nossos alunos, habituados a tocar em agrupamentos clássicos, a Big Band reorganiza-os, fá-los olhar para si e para os outros de uma outra perspetiva, fá-los descobrir novos e surpreendentes repertórios, fá-los experimentar informalidade sem perder rigor.

E assim celebrámos Abril. Fez todo o sentido. Foi no lugar da memória, com livros e canções. E pessoas, muitas, diferentes. Como uma Big Band!



PROJETO AURORA

Inês Melo — Atriz e criadora de Teatro

Nasci quinze anos depois do 25 de abril. Tive muita sorte. Nasci livre, na charneira dos anos 90 de um país em reconstrução, de uma pátria invadida por cravos e gritos de muita gente que acreditou, até ao fim, que a Liberdade e a Democracia mereciam o seu sacrifício.

E se ninguém tivesse acreditado? Penso muitas vezes no que seríamos hoje, enquanto país, se os que construíram o dia mais bonito da nossa história coletiva tivessem recuado.

Não recuaram, espalharam flores. Passaram por muito, planearam outro tanto e ofereceram-nos uma Democracia da qual todos fazemos parte.

Este espetáculo – PROJETO AURORA – é uma flor, também. De palavras, gestos, emoções e descobertas. É uma partilha sobre a realidade desumana das cadeias políticas da Ditadura, é uma denúncia da convivência tácita das instituições da época, é uma homenagem a todas e todos os presos políticos, mas é, também, um grito de cidadania. Sob o ponto de vista de quem nasceu em Liberdade, partimos do testemunho real de Aurora Rodrigues, a mulher portuguesa que esteve mais dias na tortura do sono, para abrir o debate sobre a importância da luta política hoje, 50 anos volvidos. Neste objeto performativo de Teatro e Mediação Cultural, revisitamos a cadeia de Caxias e relembramos – na pele – os momentos-chave da reclusão de Aurora. Expomos a violência das torturas e contrapomo-las com a coragem, a fibra e a Resistência de Aurora.

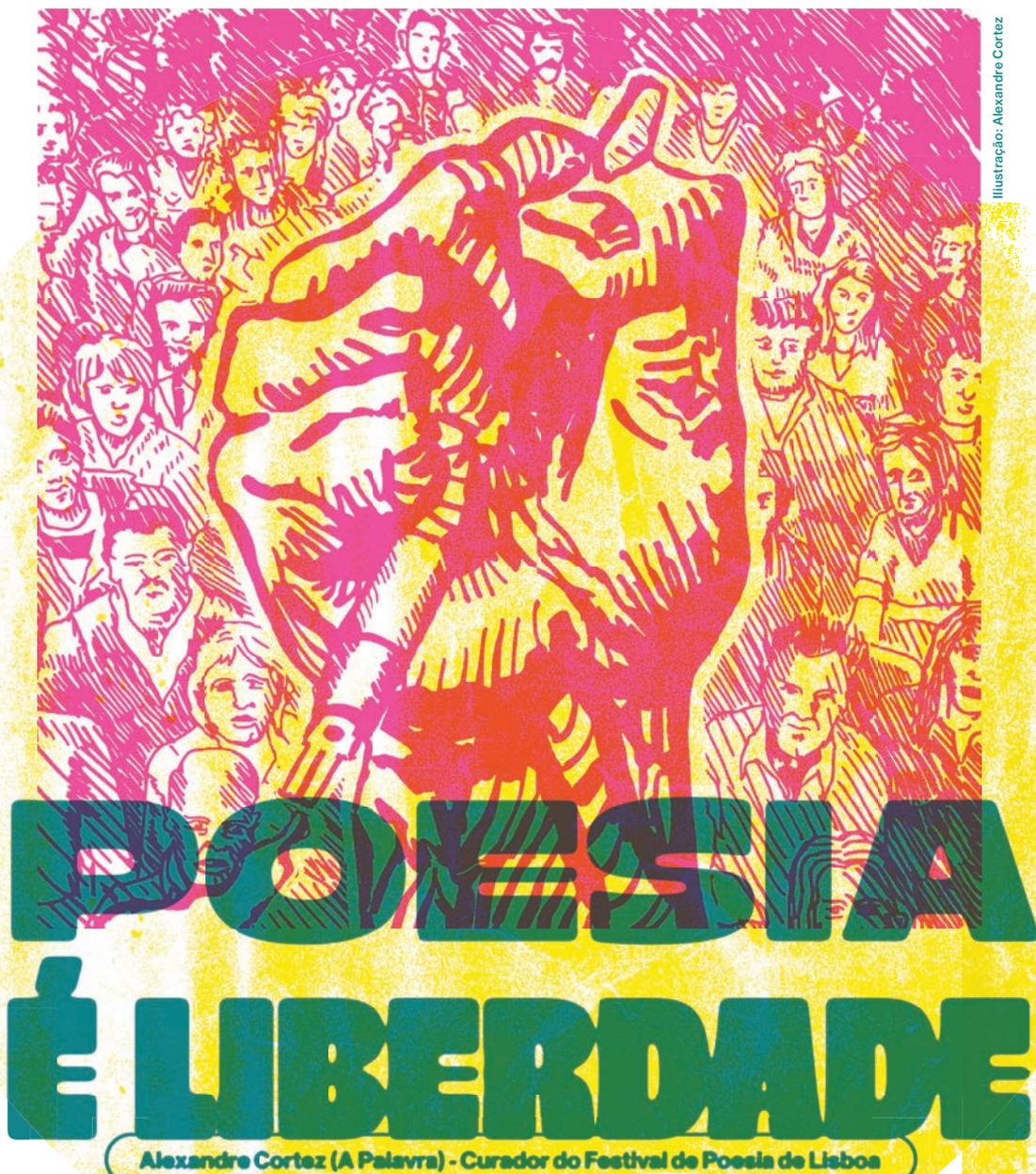
Poder fazê-lo na Biblioteca de Alcântara, a Casa da Cidadania, no ano em que se comemoram os 50 anos do 25 de Abril, foi muito especial. Num registo íntimo, de cumplicidade, resgatámos a memória, aprofundámo-la, honrámo-la e debatemos sobre ela. Criámos uma dinâmica de partilha e de pensamento coletivo, concordámos, discordámos, descobrimos coisas que não sabíamos, chocámo-nos com pormenores cruéis, mas demos as mãos e gritámos, todos, “25 de Abril sempre! Fascismo nunca mais!”.

Passaram 50 anos, é verdade. E se é verdade que Abril ainda não se cumpriu na plenitude, também é verdade que estamos mais perto agora do que estávamos há uma década.

Que a Arte continue a invadir Bibliotecas e que cada um de nós continue a acreditar na Liberdade, na Igualdade e na Justiça Social.

Eu acredito e trago cravos nas mãos.

Somos cada vez mais a espalhar flores, por aí.



Num ano em que se celebra o cinquentenário da mais importante data para a democracia portuguesa, são muitas e múltiplas as comemorações que pretendem vincar as conquistas que Abril nos proporcionou. Uma delas e talvez a mais importante foi a liberdade de expressão. Urge, portanto, evidenciar o poder da palavra na construção de um mundo melhor.

Aquilo que se convencionou designar por tríade da comunicação; a fala, a língua e a linguagem pressupõem por matriz e condição sine qua non a existência de total liberdade na comunicação, seja ela verbal, através de símbolos ou outras formas de comunicação não verbal.

A palavra é assim, na sua essência, um tributo à liberdade e àqueles que dela fizeram ferramenta para abrir portas para o futuro e lutar para que hoje possamos viver numa sociedade mais justa, livre e democrática.

Se pensarmos na palavra poética e na importância da tradição da oralidade como passagem de conhecimento ao longo dos séculos, encontramos matéria de reflexão e debate os olhares diversos sobre as questões que estabelecem uma relação entre a poesia e a luta contra a opressão dos homens. São estes os temas que continuam a indicar o caminho da liberdade e da humanidade, desde os tempos em que o mero exercício de pensar livremente era proibido e severamente punido.

Em Portugal, no tempo da ditadura, muitos poetas portugueses usaram a poesia de forma interventiva para nos trazer uma imagem do país muito discordante daquela que o Estado Novo difundia. Nessa época em que a palavra era clandestina, foram muitos os poetas que tiveram de procurar o exílio para poderem escrever em liberdade, enquanto outros pagaram com a prisão a ousadia de escrever livremente.

A Palavra era então uma arma poderosa e a poesia de combate um instrumento fundamental para a luta anticolonialista e pelo fim do regime.

O objetivo era transpor para a poesia as mais profundas aspirações humanas e a mensagem era “transformar o mundo”.

Nesse tempo, poetas, escritores e outros criadores, aproveitaram o poder simbólico da palavra e o potencial que esta possui para proporcionar releituras, escapando assim à censura.

Era esta componente extra-linguística que dava ao leitor o poder e a responsabilidade de reinterpretar esses símbolos de acordo com a mensagem subliminar que estes pretendiam transmitir.

Mas nunca como hoje a palavra foi tão disseminada e ferramenta tão fundamental para expressar ideias e ideais.

Graças às novas tecnologias da comunicação, é hoje praticamente impossível calar a voz de quem luta e, se a Poesia continua a ser uma arma de combate pela liberdade, é também uma arma para construir o futuro.

Uma arma contra a injustiça, a pobreza, a censura e a desigualdade.

A relação que esta estabelece com o real, as interpretações ou leituras que suscita, são nalgumas circunstâncias, a melhor forma de passar a mensagem e de fazer chegar ao mundo os combates que se travam pela liberdade.

A Poesia é assim um confronto da palavra com o silêncio ou com a impossibilidade de falar. Um último reduto que contribui para a liberdade do indivíduo.

É nela que o poeta busca a sua liberdade.

OS FILHOS QUE A LIBERDADE PARIU

Miguel Simões — Encenador



© Miguel Simões

Sempre que penso em Liberdade penso na luz branca. Se por definição, a luz branca é a estreita faixa do espectro da radiação solar, cujo no seu comprimento de onda se encontram sete cores, responsável pelo mundo abundante, diverso, inclusivo e múltiplo em que vivemos, então Liberdade é isso mesmo: Luz.

Jacques; O espetador emancipado; tradução Ivone C. Benedetti; 2ª edição; Editora WMF Martins Fontes Lda.; São Paulo; 2012

Os filhos que a Liberdade pariu é um espetáculo de cocriação, onde duas jovens atrizes e um ator, também ele jovem, refletem sobre a Liberdade e como se vive nela. São as perguntas necessárias. É o olhar sobre a sociedade atual. São escutas atentas. O pensar em conjunto. As demandas imediatas e as possibilidades de futuro. É a análise de um sistema sem se ter conhecido outro. É uma herança que se coloca ao colo e que com ela se aprende. É meio século. É a Liberdade que amadurece ou a Liberdade que falece? Gostaríamos que, ao assistir ao espetáculo e tal como Jacques Rancière refere, “o espetador também aja, tal como o aluno ou o intelectual. Relacione o que vê com muitas outras coisas que viu em outras cenas, outros tipos de lugares. Componha o seu próprio poema com os elementos do poema que tem diante de si”. Para nós, esse poema não se escreve se não pensarmos em conjunto no espaço e no tempo que habitamos e se não olharmos para ambos com olhos lúcidos.

Em todo este processo, a Biblioteca de Alcântara foi o local que nos permitiu materializar as ideias. Aqui, partilhámos as nossas inquietações, experimentámos, descobrimos em conjunto e criámos, como se de uma viagem a trezentos mil quilómetros por segundo se tratasse. Foi neste espaço vivo e atento, casa por excelência da leitura e do silêncio, que, sem pejo nem reserva, gritámos bem alto “vinte cinco do quatro de mil novecentos e setenta e quatro.” Bem hajais!

COLETIVO DE TEATRO COMUNITÁRIO DA BIBLIOTECA DE ALCÂNTARA



© David Silva



“Um grupo tão diversificado que me deu força para seguir os meus objetivos e me mostrou que tudo é possível. Está a ver uma das melhores jornadas da minha vida.” (Nicole Junqueira) *



© Indira Mateta

O 25 DE ABRIL NASCEU EM ÁFRICA

Joyce Souza — Atriz

O 25 de Abril nasceu em África. E o que nasce quando os espaços públicos se abrem para a possibilidade de germinar múltiplas vezes? O que pode nascer quando um equipamento soma linguagens e incentiva criações diversas? O que pode germinar quando não nos fechamos em nós mesmos?

“Kabeça Orí” é um projeto de Aoaní Salvaterra e Joyce Souza, que a Biblioteca de Alcântara abriu as portas para que fossem realizados uma série de ensaios e reuniões criativas. Sim, uma peça de teatro que teve no seu processo de criação uma passagem frutífera por uma biblioteca. Talvez, numa perspetiva de monoculturas, seja possível se questionar: como uma residência artística de um projeto dramático pode coabitar os muros silenciosos onde moram os livros? E é justamente aí que antigas “verdades” precisam de se descolonizar. Biblioteca nem sempre são muros, silêncios ou espaços exclusivamente de livros. Biblioteca é - junto das artes - um lugar de revoluções!



*Juntos, exploramos
o Teatro como uma
ferramenta de
transformação pessoal e
social.”
(Paula Gonçalves) **



© David Silva



© David Silva

* testemunhos dos participantes

99% Punk: Os Mais Velhos

Rosa nasceu na Baía e aos 14 anos foi viver para São Paulo. Ela fazia cocada em casa e vendia-a nas ruas, do centro da cidade. Para lá chegar, viajava mais de 3 horas de autocarro.

A neta de Rosa passou por Alcântara e disse poemas.



Flávio tinha 17 anos quando as forças do MPLA entraram em Luanda. No desfile do quinto aniversário da independência de Angola apertou a mão ao Presidente.

O neto de Flávio passou por Alcântara e disse poemas.



Lidia tinha 12 anos quando a GNR assassinou o seu tio, que lutava pela melhoria das condições de vida dos camponeses. Ela nunca esqueceu esse funeral porque se juntou a uma multidão e teve medo.

A neta de Lidia passou por Alcântara e disse poemas.



Rómulo tinha 17 anos quando entrou na faculdade e conheceu o movimento clandestino de estudantes. Durante uns meses distribuiu 3247 panfletos, mas foi preso. O neto de Rómulo passou por Alcântara e disse poemas.



Gonçalo Antunes

Gonçalo Antunes é um dos organizadores do Todo Mundo Slam, um palco aberto de poesia falada, que se realiza no primeiro sábado de cada mês na Biblioteca de Alcântara - José Dias Coelho

Palimpsesto - Redescobrimo Lisboa: Memória, Resistência e Futuro

Lucas França — Encenador

O que é uma nação? Para quem serve uma nação? A nação é um fracasso. Não, melhor, uma nação é uma possível guerra. E a guerra é o fracasso do humano. Não, melhor, a fronteira é o fracasso do humano. Ser humano é o fracasso da guerra. A nação é o começo da guerra e o fim do humano. Ai, já não sei. Querer um mundo sem fronteiras é inocente demais?

(Palimpsesto - dramaturgia de Maria Giulia Pinheiro)

Em 2024, comemorámos com a Biblioteca de Alcântara os 50 anos do 25 de Abril. Nesse espírito, apresentámos o projeto "Palimpsesto - o que se apaga para escrever de novo?", uma criação teatral que mergulha na imagem de palimpsestos como metáfora, um antigo suporte onde textos poderiam ser escritos, apagados e sobrepostos, dando lugar a novos.

Investigámos os efeitos históricos e contemporâneos da gentrificação em bairros tradicionais e de realojamento como Alfama, Mouraria, Oeiras e Amadora para perceber como afetam espaços peri-

“Uma partilha de saberes que transcendem o Teatro e a sua técnica e resultam em humanidade. Isto acontece porque há uma generosidade dorsal que nos une e o respeito pelo Teatro, dignificando-o. Logo, dignificando a vida também.”
(Gabriel Gonçalves)*

éricos, destacando a necessidade de subverter a noção de centro e reconhecer a importância das margens na narrativa urbana.

Através de derivas, uma prática artística de exploração de territórios, um coro de artistas plural buscou rastros e vestígios culturais, criando a dramaturgia original de uma encenação *site-specific* orquestrada no jardim da Biblioteca, em diálogo com a sua arquitetura e enfatizando a possibilidade de transformação do edifício em espaço cénico.

Quatro personagens entram em cena e dirigem para o público e pelo público (quase) tudo o que é dito e oferecem perspectivas diversas sobre o que poderá significar ser português, explorando temas como liberdade, imigração, gentrificação, turismo, pobreza e identidade cultural. A discussão desenrola-se através de diálogos acalorados e monólogos introspectivos, destacando a luta entre a memória do passado e a busca por uma identidade nacional renovada. Enquanto algumas personagens enfatizam a grandeza e o orgulho histórico de Portugal, outras confrontam os aspetos sombrios de seu legado colonial e a desigualdade persistente na sua sociedade contemporânea. A peça culmina numa reflexão coletiva sobre identidade, nação e fracasso, questionando a validade do conceito de fronteiras e da noção de nacionalidade.